

Cibergraça: a comunhão do Espírito nos tempos da rede

Aline Amaro da Silva *

Resumo

Ao contrário do que se imagina, o ambiente digital é um ótimo lugar para buscar e encontrar a Deus. A tecnologia é fruto da liberdade e do dom que o ser humano possui como artífice da criação. A reflexão teológica é chamada a compreender a natureza e a vocação próprias da internet em relação à vida do espírito. O presente trabalho apresenta uma pesquisa bibliográfica que analisa as formas de espiritualidade que emergem da cibercultura, em especial, o desenvolvimento da comunhão espiritual entre as pessoas nos tempos da rede. Antonio Spadaro, teólogo jesuíta italiano que desenvolve o conceito de Ciber-teologia, lançou este ano um *e-book* intitulado “*Cybergrace: La spiritualità nell’era di Internet*”, o qual é nosso ponto de partida. Nessa obra, Spadaro afirma que “o cérebro mecânico veio em auxílio do cérebro espiritual” e que o homem tecnológico anseia por um grau superior de espiritualidade. A fundamentação bíblica é retirada principalmente do Evangelho segundo São João. Como embasamento teórico, abordaremos o conceito de “comunhão do Espírito” de Jürgen Moltmann, o

Bacharel em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo – FAMECOS/PU-CRS. Aluna de Mestrado em Teologia – FATEO/PUCRS. E-mail: aline.amaro@acad.pucrs.br

diálogo entre espiritualidade e ciência estudado por Pierre Teilhard de Chardin, e a Teologia Trinitária de John Zizioulas.

Palavras-chave: Ciberteologia. Geração Y. Comunhão. Pneumatologia. Espiritualidade.

Introdução

No decorrer da história humana, Deus veio até o homem, comunicou-se com ele e revelou-se. A plenitude dessa comunicação se dá na Encarnação do Verbo de Deus (Jo 1, 14). Jesus Cristo é o maior diálogo realizado entre o ser humano e Deus. É uma comunicação perene, pois Cristo, no amor do Pai e na comunhão do Espírito Santo, continua tocando nossa vida hoje. Dessa forma, Jesus Cristo é comunicação.

A Igreja carrega em seu ser esse caráter comunicacional, a missão de proclamar o Verbo de Deus. Portanto, evangelizar é comunicar. A comunicação da fé é a principal tarefa teológica. A fé não é teologia, mas necessita da teologia para traduzir o seu sentido último para a vida humana. Deus se autocomunica porque deseja que toda a humanidade participe de sua vida através da comunhão do Espírito.

Deus pode habitar no ciberespaço? Essa é uma questão fundamental dentro deste campo teológico novo que é a Ciberteologia, pensar a fé cristã nos tempos da internet, especialmente em Cibergraça, pensar a graça inserida na cibercultura e a forma de espiritualidade que emerge da experiência da rede. Nossa maneira de pensar, de se comunicar e de viver a fé mudou a partir da cultura digital. De acordo com Spadaro, a internet é uma revolução, mas uma revolução antiga porque exprime

necessidades que já existiam. Relação e comunicação são desejos profundos e antiquíssimos do ser humano e palavras-chaves do tema que desenvolveremos neste artigo.

1 O poço de Jacó e o Ciberespaço – lugares de encontro com Deus

João Paulo II na encíclica *Redemptoris Missio* chamou a internet de “novo areópago dos tempos modernos”, portanto, um lugar para se proclamar o Evangelho. Comparamos agora o ciberespaço com o poço de Jacó. O poço no tempo bíblico era um lugar neutro, onde pessoas de todas as classes sociais, de povos e religiões distintas podiam se encontrar, um dos únicos ambientes que homens e mulheres podiam conversar livremente. O encontro junto ao poço, nas formas literárias bíblicas, geralmente faz alusão a um futuro matrimônio (Gn 24, 13-14).

O encontro de Jesus com a samaritana (Jo 4) simboliza a conversão de Samaria que restituirá o laço matrimonial que a unia a Deus. Segundo a nota da Bíblia de Jerusalém, nesse relato Deus é considerado o esposo do seu povo e Jesus está no papel de servo. Este trecho representa o encontro entre Deus e a humanidade, através de Cristo. Podemos ver o ciberespaço, à luz de João 4, como uma nova ambiência, um lugar desterritorializado de encontro entre as pessoas. No diálogo entre Jesus e a samaritana estão presentes diversas pessoas, inclusive as pessoas da Trindade.

Jesus desde o início da conversa quebra protocolos, ou melhor, tabus da sociedade: “Como, sendo judeu, tu me pedes de beber, a mim,

que sou samaritana?” (Jo 4, 9). Jesus sendo Deus se coloca como o menor, como o servo dos servos, no mínimo, como igual a todos. A lógica da Rede vai ao encontro das atitudes de Jesus, pois na rede todos são “iguais”, tem as mesmas possibilidades de se comunicar, de se relacionar, de “dar de beber” àqueles que desejarem independente de suas esferas sociais e culturais.

O encontro com a samaritana é um dos únicos relatos do Evangelho em que Jesus se autorevela como o Cristo, fala do Pai e do Espírito, e ainda escolhe uma mulher plurirreligiosa para ser sua testemunha, pois os cinco maridos representam os cinco ídolos que os samaritanos idolatravam. Jesus enfrenta os preconceitos da época. Esse enfrentamento é necessário para entendermos a presença de Deus nas nossas realidades atuais. Costumamos ouvir no interior de nossas igrejas muitas críticas sobre a internet, como ela pode nos influenciar mal, contaminar nossos pensamentos, nos levar a pecar. Mas Jesus bebe da água de uma pessoa considerada “impura” e oferece a sua água viva. É fato que a internet oferece infinitas possibilidades para pecar e até cometer crimes. Entretanto, parodiando Paulo, “onde abunda o *ciberpecado*, superabunda a *cibergraça*”. O mal ou o bem vem do coração do homem. O ciberespaço é uma ambiência na qual escolhemos livremente o que ver, fazer, a quem seguir e com quem nos relacionar.

Hipoteticamente, a samaritana muitas vezes pode ter ido, com o pretexto de tirar água do poço, marcar encontro com outros homens, já que teve cinco maridos e o que tinha agora não era seu. Porém, o encontro inesperado com Jesus mudou a sua vida para sempre. O ciberespaço também é um lugar ambíguo onde reproduzimos as ações de nossa vida, mas nele podemos ser surpreendidos com um encontro pessoal com Deus.

Mas Deus pode habitar o ciberespaço? Basta olharmos a história da salvação para vermos que Deus se manifesta onde e da forma que menos esperamos. “O Espírito Santo virá sobre ti e o poder do Altíssimo vai te cobrir com a sua sombra; por isso o Santo que vai nascer será chamado Filho de Deus, [...]. Para Deus, com efeito, nada é impossível” (Lc 1, 35 e 37). A *kénosis* de Deus é tão grande que o Filho Unigênito de Deus passa a habitar inteiramente a natureza humana. Jesus Cristo continua sendo verdadeiro Deus e verdadeiro homem em nosso tempo. Portanto, Ele participa da cultura e da vida de hoje e se encontra onde a humanidade está. Por isso, podemos reconfigurar a Palavra de Deus, com todo o respeito, traduzindo-a para nossa realidade digital: “E o Verbo se fez *'bit'* e habitou entre nós e nós vimos a sua glória” (Jo 1, 14).

O Verbo precisa se fazer *bit*, isto é, fazer-se presente em toda a realidade humana, como aponta a *Verbum Domini*: “No mundo da internet, que permite que bilhões de imagens apareçam em milhões de monitores, deverá sobressair o rosto de Cristo e ouvir-se a sua voz, porque, se não há espaço para Cristo, não há espaço para o homem” (BENTO XVI, 2010, n. 113). Ver a glória de Deus é estar na sua presença, assim como Pedro, Tiago e João testemunharam a transfiguração de Cristo no Monte Tabor. Será que o ciberespaço pode se transformar num Tabor? É possível a glória de Deus se manifestar na Rede? A resposta está na forma como entendemos o que é a Rede.

2 A natureza da Rede

Partindo do conceito inicial da internet como um meio de comunicação, demonstra-se que este conceito é insuficiente para descrever-

mos toda a natureza do universo online. A rede não é um instrumento, mas um ambiente que está dentro do mundo real. Por ser um ambiente desterritorializado, está em todos os lugares do planeta, permeando nossa vida e nosso cotidiano. Dessa forma, não existe dualismo entre mundo real e virtual, ambos fazem parte de uma mesma realidade.

A internet, enquanto realidade natural por ser um ambiente de comunicação e de relação social, merece uma avaliação positiva. “Deus viu [...] que tudo era bom”. Portanto, a rede deve ser vista como “dom de Deus” a partir de uma sadia teologia da criação. “A matéria não é ruim. É criatura de Deus e, como tal, tem uma bondade que lhe é essencial e anterior a toda a manipulação por parte do homem” (DÍEZ, 1997, p. 491). Logo, o mal não brota do ser da matéria, mas do interior humano.

Conforme Díez, os meios de comunicação social não são meras realidades terrenas, mas fazem parte das realidades culturais. Como produtos da inteligência do homem, significam o desenvolvimento de suas capacidades comunicativas e de sua vocação de modificar a realidade para levar à plenitude toda a criação. “Aqui encontram a sua justificação teológica [...] o progresso e a técnica... Em si mesmos são uma realização da vocação humana e uma resposta à vontade divina” (DÍEZ, 1997, p. 496). Por isso, a internet deve ser discernida teologicamente. A rede deve ser vista como um potencial caminho de realização da vocação coletiva do homem – a comunhão entre os seres humanos. “O homem é um ser essencialmente social e, pela mesma razão, a história humana é uma história comunitária” (DÍEZ, 1997, p. 498).

A Internet não é apenas a Rede Mundial de computadores, mas a Rede Mundial de Pessoas. A Rede de relações online modificou todas as estruturas da sociedade, facilitou até mesmo a organização social

pela digitalização de todos os sistemas públicos e privados. A internet é utilizada hoje em todas as áreas de conhecimento, tanto para pesquisar quanto para divulgar resultados de pesquisas. E mesmo informações pessoais são facilmente encontradas na “nuvem” como podemos ver nas redes sociais.

Diante disso, percebemos a necessidade de anunciar que Cristo está on-line, habita na nossa realidade, fala a nossa língua, participa de nossa cultura, convive conosco na mesma ambiência cibernética. A rede é uma *imago societati*, isto é, uma representação da sociedade, ou melhor, uma extensão desta que mimetiza seus comportamentos, tendências, linhas de pensamento e de ação. A *Gaudium et Spes* afirma que todas as coisas criadas possuem consistência, verdade, bondade e leis próprias que o homem deve respeitar. Esse reconhecimento evita a interpretação meramente utilitarista do ciberespaço. Sobre o cerne da internet, conceitua Spadaro:

“As recentes tecnologias digitais não são mais somente *tools*, isto é, instrumentos completamente externos ao nosso corpo e à nossa mente. A Rede não é um instrumento, mas um ambiente no qual vivemos. Talvez até mais, sendo um verdadeiro tecido interligado da nossa experiência da realidade” (SPADARO, 2012, p. 05).

As mídias digitais fazem parte da nossa vida diária, de tal maneira que estão mudando nossa forma de pensar. Se a Rede transforma o modo como pensamos, também muda nossa antropologia, nossas características humanas. Se a cultura digital modifica nossa antropologia, conseqüentemente, muda a maneira de pensarmos e

vivermos a fé. Se conceituarmos a teologia como *intellectus fidei*, pensar a fé, a internet também altera a maneira como fazemos teologia hoje. Da necessidade de compreendermos essa metamorfose e o que isso implica na vida cristã, surge a área de Ciberteologia que, segundo Antonio Spadaro, significa pensar a fé nos tempos da rede.

A Ciberteologia necessita de um *locus* próprio do qual obtenha um olhar diferenciado da sociedade, detectando os aspectos que implicam na teologia, para assim, desenvolver sua reflexão. No Dicionário Crítico de Teologia, Jean-Yves Lacoste diz que a teologia católica dá o nome de lugares teológicos aos diversos domínios a partir dos quais o conhecimento teológico pode elaborar seu saber ou às diversas fontes nas quais se inspira. A *Gaudium et Spes* fala do lugar teológico dos “sinais dos tempos”, como sendo os grandes fenômenos que movem nossa história. De acordo com este documento, estes sinais devem ser primeiro observados e analisados cuidadosamente pelo teólogo, para serem em seguida interpretados e discernidos à luz da fé.

A internet é um fenômeno antropológico sociocultural, um ambiente de comunicação e de relações, de prática da fé e da espiritualidade dos seres humanos. Por ser um princípio ativo de transformação da sociedade e da história humana, a rede é uma realidade que não deve ser ignorada pela perspectiva teológica. Na concepção de Diéz, apesar da internet estar sujeita à ambiguidade e às consequências negativas do pecado pessoal e social, como qualquer realidade terrena, a melhor resposta a essa ambiguidade é o discernimento e o compromisso, não a condenação e a passividade.

É preciso, contudo, afirmar que a teologia cristã é uma teologia do novo, daquilo que constantemente se renova. A novidade,

a renovação, a criatividade são categorias centrais na teologia cristã. O novo precisa ser discernido teologicamente. [...] A bondade das coisas, dos meios, das técnicas... consiste na sua adequação ao plano que Deus traçou sobre esta criação e esta humanidade (DÍEZ, 1997, p. 500).

Diante disso, podemos cogitar que a rede tem caráter de lugar teológico como história humana, dentro das categorias de Melchor Cano, e como “sinal dos tempos”, de acordo com o Concílio Vaticano II. Não é uma fonte da teologia, mas um lugar ciberteológico que possibilita o ser humano hiperconectado compreender a revelação de Deus e sua presença no mundo de hoje.

3 Nativos Virtuais: modelo do ser humano na era digital

Quem habita predominantemente o universo digital é a geração Y, jovens que nasceram entre 1980 e 2000, também chamados de nativos virtuais, nativos digitais ou geração net. Questionamento, individualismo, informalidade, flexibilidade, ansiedade, impaciência, criatividade, viver com intensidade o presente, transitoriedade e ambiguidade nas decisões, medo, insegurança, necessidade de reconhecimento – de acordo com Oliveira¹ (2010), essas são palavras que definem o comportamento da geração Y. Apesar de adotar a individualidade como forma de expressão, ela busca intensamente ampliar sua rede de re-

1 Sidnei Oliveira é consultor, autor e palestrante, especialista em conflitos de gerações e na Geração Y.

lacionamentos. A principal característica da geração Y é sua grande familiaridade com a comunicação, as mídias e as tecnologias digitais.

Um paradoxo criado por toda essa ampla tecnologia foi que, ao privilegiar a ação individual e não a coletiva, os jovens Y desenvolveram uma necessidade de compartilhar parte de sua vida por meio das redes sociais. A Geração Y é a mais conectada da história da humanidade e sabe usufruir de toda a tecnologia para obter relacionamentos mais numerosos e intensos. O mundo para esses jovens é muito menor. As barreiras do idioma são facilmente superadas pela maior intimidade com a língua inglesa que é amplamente utilizada na internet (OLIVEIRA, 2010, p.67-68).

Toda essa fluidez e instantaneidade próprias dos nativos virtuais gerou um perfil distinto das outras gerações que ocasionou o conflito de gerações. Nunca, em toda a história, cinco gerações haviam convivido ao mesmo tempo em números significativos, intervindo na realidade uns dos outros como acontece atualmente. São elas: Geração Belle Époque, nascidos entre 1920 e 1940; Geração Baby Boomers, pessoas que nasceram de 1941 a 1960; Geração X, gerados entre 1961 a 1980; Geração Y, jovens nascidos de 1980 a 1999; Geração Z, crianças geradas de 2000 até este ano. Os jovens Y estão chegando à vida adulta, se firmando no mercado de trabalho e começam a interferir de maneira concreta nos destinos da sociedade.

A principal diferença da Geração Y para a anterior é o relacionamento interpessoal. As gerações anteriores são voltadas mais para a comunicação face a face, cultivam relações mais duradouras, valorizam o que é concreto, utilizam o virtual como um complemento, enquanto

que, na geração de nativos, a relação virtual é supervalorizada, apesar de não ser o único tipo de relacionamento que eles cultivam. Segundo Tapscott² (1999, p. 02), a mudança da difusão pública para a interatividade é a base da Geração Net, pois os jovens Y querem ser agentes, não apenas espectadores.

Lévy (2000, p.111-121) explica que a essência da cibercultura é o *Universal sem Totalidade*. O *Universal* seria a presença da humanidade para si mesma e a totalidade à determinação de um sentido único para todos. As sociedades eram pequenas sociedades fechadas, sem *Universalidade*, que se comunicavam pelo modelo face a face, em que os receptores e os emissores estavam presentes num mesmo contexto geográfico e temporal. Entretanto, em cada microssociedade havia uma unidade de sentido, *Totalizante*. Com o surgimento da escrita, e posteriormente, da imprensa e das mídias de massa, emissores e receptores não dividiam mais as mesmas circunstâncias. A comunicação tornou-se um poder hierárquico, o *Universal com Totalidade*, pois os emissores tentavam impor suas ideias sem a interlocução dos receptores.

No modelo *peer-to-peer* todos voltam a ser emissores e receptores em igual situação como nas sociedades orais. Isso acontece pela interação inesperada de um nó a outro da rede, formando uma teia *Universal* de conhecimento. Quanto mais a rede se expande, mais difícil será a dominação e a *Totalização* de seu fluxo de ideias. Assim, cada nativo virtual é capaz de realizar tanto uma comunicação de massa, atingindo um grande público, como uma comunicação interpessoal. As mídias de massa convencionais (jornal, rádio, TV) seguem o para-

2 Don Tapscott é autor de seis *best-sellers*, entre eles: *Economia Digital e Geração Net*. É presidente do conselho administrativo da instituição de pesquisa *Alliance for Converging Technologies*.

digma *Um e Todos*, comunicação hierárquica em que os receptores não afetam o emissor. Já a comunicação ciberespacial segue o modelo mais democrático *Todos e Todos*, no qual todos se provocam mutuamente (AVELLAR, 2010, p. 60-62). Toda essa metamorfose afeta nosso ser espiritual e modifica a maneira que nos relacionamos com Deus, com a Igreja e com o nosso próximo. Por isso, vamos rever a Doutrina da Graça à luz da cultura digital.

4 Cibergraça: entre tecnologia e espiritualidade

A tecnologia é fruto da liberdade e do dom que o ser humano possui como artífice da criação. A técnica é ambígua, pois o homem é livre para praticar o bem ou o mal, no entanto, é justamente essa liberdade que demonstra a sua natureza conectada ao universo da graça. Segundo Spadaro³ (2013), é na técnica que se exprime e se confirma o senhorio do espírito sobre a matéria. A tecnologia é, portanto, a força de organização da matéria, produto de projeto consciente do homem como ser espiritual.

O cérebro mecânico não veio substituir o cérebro espiritual, ao contrário, veio em auxílio deste. Por isso, a tecnologia é o esforço de infundir em instrumentos mecânicos o reflexo de funções espirituais. É a capacidade de responder ao chamado de Deus de dar forma e transformar a criação. O *Creator Spiritus* ainda paira sobre a face da terra e se manifesta na criatividade dos seres humanos. A inspiração é fruto

³ Neste artigo vamos utilizar o e-book de Antonio Spadaro *Cybergrace*, versão Kindle, que não possui numeração de página. Por isso faremos citações indiretas deste e-book constando apenas autor e ano.

de uma abertura espiritual em que o Espírito Criador pode agir em nós e através de nós. É uma experiência de comunhão com Deus. É o encontro entre a minha intenção e a vontade do Espírito Criador, a união entre o meu intelecto e a inteligência divina, momento em que nossa semelhança com o Criador se revela. A tecnologia é um modo de o *homo technologicus* exprimir seu anseio por transcendência. O homem tecnológico é o homem espiritual (SPADARO, 2013).

Teilhard de Chardin é um dos primeiros teólogos a conciliar ciência e fé, e a compreender que todo o esforço humano coopera para o acabamento do mundo em Cristo. “[...] nenhum homem ergue o dedo mínimo para a menor obra, sem estar movido pela convicção [...] de que ele trabalha [...] para a edificação de algo definitivo, [...] para vossa própria obra, ó meu Deus” (TEILHARD DE CHARDIN, 2010, p.22). Para ele, a intenção é a chave através da qual o nosso mundo interior se abre à presença divina.

Em cada alma, Deus ama e salva parcialmente o mundo inteiro, que esta alma resume [...]. Deste modo, cada homem [...] por sua fidelidade [...] deve construir uma obra, um opus, em que entra alguma coisa de todos os elementos da Terra. Ao longo de todos os seus dias terrestres ele faz a sua alma; e, ao mesmo tempo, ele colabora para uma outra obra, para um outro opus que ultrapassa infinitamente [...] as perspectivas de seu êxito individual: o acabamento do mundo. [...] Através de nossos esforços individuais [...], o mundo acumula lentamente, a partir de toda a matéria, aquilo que fará dele a Jerusalém celeste [...]. (TEILHARD DE CHARDIN, 2010, p. 27-28)

O paleontólogo acreditava numa profunda comunhão entre o mundo, o homem e Deus. No seio do universo, toda alma é para Deus. Po-

rém, toda realidade, mesmo material, ao nosso redor é para sustento de nossa alma. Assim, toda a realidade sensível é para Deus, por meio de nossa alma. Para Chardin, fazemos parte de um único meio divino, que é o nosso mundo, pelo qual Deus quis se revelar e cujas realidades tangíveis são prolongamentos de nosso ser no mundo. Dessa forma, o progresso e a técnica são dons de Deus para o aperfeiçoamento humano como imagem e semelhança de Deus.

Porém, devemos analisar criticamente a realidade atual. Embora os avanços tecnológicos tenham trazido grandes conquistas, no entanto, ocasionaram alguns dilemas, como o excesso informacional, a falta de reflexão e a dispersão que prejudicam nossa espiritualidade. Para Spadaro (2013), a grande palavra a ser redescoberta é o discernimento. Toca ao homem de hoje encontrar em si mesmo um centro espiritual que faça distinção entre as questões verdadeiras das respostas que nos são oferecidas.

4.1 A Graça

A graça é dom gratuito que possibilita à natureza humana participar da essência divina, introduzindo a pessoa em relação filial com o Pai, por meio da dignidade de filho, recebida de Cristo, selada pelo Espírito Santo (GALLOT, 2003, p.462-463). Portanto, a graça refere-se a um processo relacional, em que Deus se volta para o ser humano e o capacita a uma vida verdadeiramente humana, abrindo-o, transformando-o, preenchendo-o com vida no encontro com Deus (HILBERTH, 2009, p.39-42).

De acordo com Spadaro (2013), a rede é o lugar do dom. Conceitos como compartilhamento de arquivos, *software livre*, *opens source*, *creative commons*, *user generated content*, rede social estão ligados à concep-

ção de dom, à ideia de redução do lucro. Na verdade, trata-se de uma lógica de troca que beneficia as partes envolvidas.

Se a lógica do compartilhamento for considerada sob o ponto de vista teológico, traz algumas problemáticas, pois a natureza da Igreja e a dinâmica da Revelação cristã parecem seguir um padrão *client-server* ou o modelo de comunicação de massa, o Universal com Totalidade, que seria o inverso do *peer-to-peer*. A dinâmica da Revelação não é o produto de uma troca horizontal fluída, mas a abertura para uma graça inesgotável, transmitida através de mediações humanas e ministros de culto. No pensamento de Spadaro (2013), se parássemos aqui o raciocínio, correríamos o risco de concluir que a lógica da rede é incompatível com a lógica da teologia.

A lógica do dom na rede está ligada ao que chamamos de grátis. O grátis é aquilo que tomamos livremente. A graça, ao invés, é dada a caro preço por alguém e recebida por outro alguém específico, constituindo uma relação pessoal. No entanto, a graça se comunica através de mediações encarnadas e alastra-se em uma lógica semelhante a do *peer-to-peer*, mas não se reduz a esta, pois a lógica *peer-to-peer* é uma lógica de conexão e de troca, não de comunhão. Um rosto não deve ser reduzido a um simples nó. Por isso, é missão dos cristãos fazer com que a rede passe de um ambiente de conexão a um lugar de comunhão (SPADARO, 2013).

4.2 Ser comunhão

Precisamos reaprender a ser Igreja nos tempos da rede. Hoje o nosso “próximo” é alguém que está “conectado” conosco, por isso: “Ama o teu *link* como a ti mesmo” (SPADARO, 2013). O cerne da questão é a mudança do conceito de “presença”. As mídias digitais desenvolveram

uma presença diferente da presença física. Ambas são presenças reais complementares uma a outra. As redes sociais são a expressão de um conjunto de relações entre os indivíduos. A Igreja não pode se reduzir a uma rede social, pois ela é um “dom” e não um “produto” da comunicação.

A Igreja é uma realidade maior do que seu caráter material, presencial, institucional e humano. Seu princípio e fundamento é Cristo que, pelo Espírito, une-se intimamente a seus fiéis, ou seja, a Igreja é, em primeiro lugar, comunhão entre pessoas. A encarnação do Verbo em nós só é possível pelo Espírito Santo. Deus se torna interior a nós porque Ele é Espírito. Portanto, o Espírito é a condição de existência de uma rede, de uma relação de comunhão. A Igreja é um corpo vivo, se todas as suas relações internas estão vivas. A Eucaristia acontece quando há essa comunhão do Espírito. Quando comungamos nos tornamos o prolongamento da vida de Cristo, seu Corpo Real.

John Zizioulas (1985, p. 15-19) apresenta o ser da Igreja como comunhão, o que nos ajuda a retomar a essência e a importância da eclesiologia na vida cristã em nossa época. Para o teólogo ortodoxo, a Igreja é uma forma de existência, uma maneira de ser. No momento em que o ser humano se torna membro da igreja, ele torna-se uma “imagem de Deus”, ele assume o modo de ser e existir de Deus. Esse jeito de ser não é uma realização moral, pois não pode ser realizado como o acontecimento de um indivíduo, mas somente como um fato eclesial. Ser Igreja é uma forma de relação com o mundo, com as outras pessoas e com Deus, logo, um evento de comunhão.

Contudo, para a Igreja apresentar essa forma de existência, ela mesma deve ser *imago Dei*, sua estrutura e seus ministros devem ter a maneira de ser de Deus. O ser de Deus somente é conhecido através de re-

lações de amor interpessoais. Então, o ser de Deus é um ser relacional: sem o conceito de comunhão não seria possível falar do ser de Deus. Na concepção de Zizioulas, não existe verdadeiro ser sem comunhão, portanto, comunhão é uma categoria ontológica. Porém, o verdadeiro ser provém somente de pessoas livres que se amam gerando comunhão.

Toda essa discussão traz a tona nossa pergunta fundamental: Deus pode habitar no ciberespaço? Ao contrário do que se imagina, o ambiente digital é um ótimo lugar para buscar e encontrar a Deus. O ciberespaço é a interface onde Deus pode chegar até nós, pois a experiência espiritual acontece dentro de nós. Santo Inácio de Loyola nos auxilia a perceber a presença de Deus na rede:

Considerarei como Deus está presente nas criaturas. Nos elementos, dando-lhes o ser. Nas plantas, dando-lhes a vida vegetativa. Nos animais, a vida sensitiva. Nos homens, a vida intelectual. Em mim, dando-me a existência, a vida, a sensibilidade e a inteligência: e tendo-me criado à imagem e semelhança de sua divina Majestade, fez de mim um templo seu (LOYOLA, 2012, p.131).

Deus se comunica conosco através de toda a obra da criação, desde os seres inanimados até os seres dotados de vida. De forma especial, Deus encarna no mundo pelos seres humanos. A rede é formada por pessoas em relação. Se vivemos com intensidade a mesma fé que Paulo – “Eu vivo, mas já não sou eu que vivo, pois é Cristo que vive em mim. Minha vida presente na carne, eu a vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e se entregou a si mesmo por mim” (Gl 2, 20) – então, Deus habita na internet através de nós. O Espírito é o amor que procede de Jesus para nós e de nós para Cristo gerando uma relação tão profunda

que nos tornamos um só Corpo e um só Espírito com Ele. Portanto, Deus vem a nós no ciberespaço pela Comunhão do Espírito:

A “comunhão do Espírito Santo conosco” corresponde a sua eterna comunhão com Deus. [...] Na comunhão do Espírito, por isso, não estamos ligados apenas externamente com o Deus trino, mas internamente. Pelo Espírito somos recebidos na eterna comunhão de vida do Pai, do Filho e do Espírito Santo, e nossa vida humana limitada participa da eterna circulação da vida divina. Na comunhão do Espírito Santo com todos nós, portanto, experimentamos a proximidade da vida divina, bem como nossa própria vida mortal como vida eterna. Estamos “em Deus”, e Deus está “em nós”. [...] Na comunhão do Espírito Santo, a Trindade divina possui uma abertura tamanha que toda a criação encontra lugar nela (MOLTMANN, 2002, p.96-97).

Segundo Moltmann (2002), a comunhão do Espírito transcende a Igreja e se derrama para toda a humanidade. Sendo assim, a Igreja representa a comunhão de Deus com as pessoas no Espírito Santo e a comunhão de pessoas entre si dentro dessa comunhão com Deus. Trazendo para a realidade virtual, a rede pelo fato de ser constituída por nós, Corpo Místico de Cristo, pode se tornar uma extensão do ser Igreja, uma Rede Eucarística.

Conclusão

A internet, como o nome já diz, é um “entre nós”. Ela está entre nós não para nos separar, mas para nos unir. A internet é chamada a ser uma ponte entre os seres humanos e também entre Deus e os ho-

mens. A Rede tem a vocação de facilitar a comunhão entre as pessoas humanas e divinas. Existe comunhão quando há relação de amor com Deus. O ciberespaço pode ser um solo fecundo para essa experiência de amor florir. É natural que Deus se comunique com os nativos virtuais no ambiente digital. Por isso, cabe a essa geração net descobrir a espiritualidade própria que nasce da rede.

O homem atual considera válidas as experiências espirituais nas quais é requisitada a sua participação e o seu envolvimento, isto é, uma mística interativa. Devemos aprender a viver o equilíbrio entre a ação contemplativa e a contemplação ativa. Pois, de acordo com Chardin, a comunhão do Espírito se dá pela ação.

[...] pela operação sempre em curso da Encarnação, o Divino penetra tão bem nossas energias de criaturas que não poderíamos, para encontrá-lo e abraçá-lo, achar um meio mais apropriado que nossa própria ação. [...] Na ação, primeiramente, eu realizo minha adesão à potência criadora de Deus; eu coincido com ela; eu me torno não somente o instrumento, mas o prolongamento vivo dela. E como não há nada mais íntimo em um ser do que sua própria vontade, eu me confundo, de alguma maneira através do meu coração, com o próprio coração de Deus. Este é contato perpétuo, já que eu ajo sempre; [...] ele me permite assimilar-me sempre mais estreitamente [...] em Deus (TEILHARD DE CHARDIN, 2010, p. 29-30).

O verdadeiro apostolado é estar em comunhão com Deus e, assim, levar os outros a essa comunhão. “Senhor, nem sequer tens vasilha e o poço é profundo; de onde, pois, tiras essa água viva?” (Jo 4, 11). A água viva está dentro de nós mesmos. “[...] quem beber da água que lhe darei jamais terá sede. Pois a água que eu lhe der tornar-se-á nele fonte

de água jorrando para a vida eterna” (Jo 4, 14). A água viva pode ser entendida como a vivência dos ensinamentos de Cristo pela ação do Espírito Santo. Dessa forma, faz-se necessário renascermos hoje “da água e do Espírito” (Jo 3,5).

Um dos obstáculos que impede a construção da comunhão na rede é o muro do egoísmo. A lógica da rede não pode se tornar uma lógica individualista. Pois, “se a rede, chamada para conectar, na realidade acaba por isolar, então está traindo a si mesma, o seu significado”. (Spadaro, 2012, p. 61) Precisamos acabar com nossa visão dualista e construir a unidade entre espírito e técnica, entre fé e ciência, entre mundo virtual e real, entre alma e corpo. O homem tecnológico é o homem espiritual. Teilhard de Chardin acredita que todos os seres humanos, Cristo e o mundo são um único Meio Divino pelo qual Deus quis agir e se manifestar.

A linguagem cibernética é uma linguagem do Espírito, uma autêntica “glossolalia” (dom de falar em outras línguas). Pois diferente de Babel, o ciberespaço é uma terra em que pessoas de várias línguas e culturas distintas conseguem dialogar, se entender e, em muitos casos, viver no mesmo espírito. Portanto, somos convidados a viver na rede um novo Pentecostes através da comunhão do Espírito.

O ciberespaço pode ser considerado como um ecossistema de pessoas. Isso significa que somos nós que qualificamos a ambiência digital através de nossas ações. Posso transformar o ciberespaço numa gigantesca biblioteca, num grande santuário, numa sala de reuniões, ou mesmo num lugar onde pratico crimes. Por isso, urge a todos os homens e mulheres de boa vontade que povoem o ciberespaço e o transformem por uma atitude de fé num jardim onde Deus habita.

Referências

- AVELLAR, Valter Luís. *Internet e espiritualidade: o despertar através das mensagens de e-mail*. Rio de Janeiro: Calibán, 2010.
- BENTO XVI. *Verbum Domini: a Palavra de Deus na vida e missão da Igreja*. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/apost_exhortations/documents/hf_ben-xvi_exh_20100930_verbum-domini_po.html>. Acesso em: 21 de mai. de 2013.
- BÍBLIA. Português. *A Bíblia de Jerusalém*. Nova edição ver. e ampl. São Paulo: Paulus, 2002.
- BROCKMAN, J. *Is the Internet changing the way you think? The net's impact on our mind and future*. New York: Harper Collins, 2011.
- GALOT, J. *Graça*. IN: BORRIELO, L. *Dicionário de Mística*. São Paulo: Paulus: Edições Loyola, 2003.
- HILBERATH, Bernd Jochen. *F. Doutrina da Graça*. IN: SCHNEIDER, Theodor. *Manual de Dogmática*. Petrópoles, RJ: Vozes, 2009.
- IGREJA CATÓLICA. *Gaudium et spes: a Igreja no mundo atual*. Roma, 1965. Disponível em: <http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html>. Acesso em: 30 de set. de 2013.
- JOÃO PAULO II. Carta Encíclica *Redemptoris Missio*: sobre a Validade permanente do Mandato Missionário. Roma, 1990. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_07121990_redemptoris-missio_po.html>. Acesso em: 21 de ago. de 2011.
- LACOSTE, Jean-Yves. *Dicionário Crítico de Teologia*. São Paulo: Paulinas: Edições Loyola, 2004, p. 1055.
- LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2000.

- LOYOLA, Inácio. *Exercícios espirituais de Santo Inácio de Loyola*. 12. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012.
- MOLTMANN, J. *A Fonte da Vida: O Espírito Santo e a Teologia da Vida*. São Paulo: Ed. Loyola, 2002.
- OLIVEIRA, Sidnei. *Geração Y: o nascimento de uma nova versão de líderes*. São Paulo: Integrare Editora, 2010.
- PONTIFÍCIO CONSELHO PARA AS COMUNICAÇÕES SOCIAIS. Instrução Pastoral *Aetatis Novae*: sobre as comunicações sociais no vigésimo aniversário de *Communio et Progressio*. Roma, 1992. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/pccs/documents/rc_pc_pccs_doc_22021992_aetatis_po.html>. Acesso em: 25 de ago. de 2011.
- SBARDELOTTO, Moisés. *Deus digital, religiosidade online, fiel conectado: Estudos sobre religião e internet*. Cadernos Teologia Pública, Ano IX, Nº 70. São Leopoldo: IHU – Unisinos, 2012.
- _____. *“E o Verbo se fez bit”: a comunicação e a experiência religiosas na internet*. Aparecida, SP: Editora Santuário, 2013.
- SILVA, Aline Amaro da. *Igreja e Cultura Digital: a nova evangelização dos nativos virtuais*. Monografia em Jornalismo. FAMECOS/PU-CRS, 2011.
- SPADARO, Antonio. *Ciberteologia: Pensar o Cristianismo nos tempos da rede*. São Paulo: Paulinas, 2012.
- _____. *O Mistério da Igreja na era das mídias digitais*. Cadernos Teologia Pública, Ano IX, Nº 73. São Leopoldo: IHU – Unisinos, 2012.
- _____. E-book. *Cybergrace*. Milano: 40K, 2013.
- _____. *Ama il tuo link come te stesso*. Disponível em: <<http://www.lastampa.it/2013/09/27/cultura/ama-il-link-tuo-come-te-s->

tesso-OoVl8GKyczzTU7Udk1e4wJ/pagina.html>. Acesso em: 27 de set. de 2013.

TAPSCOTT, Don. *Geração Digital. A Crescente e Irreversível Ascensão da Geração Net*. 1ª ed. São Paulo: Ed. Makron Books. 1999

TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. *O Meio Divino*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

ZIZIOULAS, John D. *Being as communion*. New York: Vladimir's Seminary Press, 1985.